

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ÂNGELO SCARELI GRACI

Arquitetura Japonesa: O Encontro entre Tradição e Inovação – O equilíbrio entre
passado e futuro.

BOTUCATU

2025

ÂNGELO SCARELI GRACI

Arquitetura Japonesa: O Encontro entre Tradição e Inovação – O equilíbrio entre passado e futuro.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Galileu como requisito para obtenção do grau de Arquitetura e Urbanismo, orientado pela Prof. Dr. Ludmilla Tidei Lima

ÂNGELO SCARELI GRACI

Arquitetura Japonesa: O Encontro entre Tradição e Inovação – O equilíbrio entre passado e futuro.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Galileu como requisito para obtenção do grau de Arquitetura e Urbanismo.

Botucatu, 15 de Dezembro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Valmir Meneguín

Prof.^a Beatriz Leite Antunes

Prof.^a Dr.^a Ludmilla Tidei Lima

Orientadora

SUMÁRIO

Página

1. RESUMO.....	6
1.1. Abstract	7
2. INTRODUÇÃO.....	8
2.1. Objetivo	9
2.2. Justificativa	9
3. DESENVOLVIMENTO.....	10
3.1. O conceito de (MA) 間 ,na arquitetura Japonesa	10
3.2. (Wabi Sabi) 侘寂 e a relação com arquitetura Japonesa	16
3.3. A presença do (MA) 間 e do (Wabi Sabi) 侘寂 nos templos Budistas e Xintoístas no Japão	23
3.4. Estudo de Caso: Presença japonesa em (SP) e a proposta em Botucatu.....	30
4. MATERIAIS E MÉTODOS	34
5. RESULTADOS E CONCLUSÃO	35
5.1. Considerações finais	36
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

LISTA DE FIGURAS

Página

Figura 1 - <i>Shōji</i>	11
Figura 2 - <i>Fusuma</i>	12
Figura 3 - <i>Fusuma-e</i> , Templo <i>Ninnna-ji</i> , Kyoto.....	13
Figura 4 - <i>Engawa</i> , Sukumo Hayashi House.....	14
Figura 5 - Jardim seco, Templo <i>Ryōan-ji</i> - Kyoto	18
Figura 6 - Igreja da Luz, Tadao Ando.....	19
Figura 7 - Chichu Art Museum, Tadao Ando	20
Figura 8 - Obra “Skyspace” Open Field, James Turrel	21
Figura 9 - “Plano do Local” (Topografia) do Chichu Art Museum, Tadao Ando.....	21
Figura 10 - Benesse House Oval, Tadao Ando.....	22
Figura 11 - Jardim de musgos, Templo <i>Saihō-ji</i> , Kyoto	24
Figura 12 - Templo <i>Ise Jingū</i> , Ise	25
Figura 13 - Templo <i>Fushimi Inari Taisha</i> , Kyoto.....	26
Figura 14 - Trajeto dos <i>toriis</i> vermelhos, Templo <i>Fushimi Inari Taisha</i> , Kyoto	26
Figura 15 - Templo <i>Kennin-ji</i> , Kyoto	27
Figura 16 - Templo <i>Shōren-in</i> , Kyoto	28
Figura 17 - Templo <i>Ginkaku-ji</i> , Kyoto	29
Figura 18 - Mapa da Distribuição dos imigrantes japoneses no estado de São Paulo.....	31
Figura 19 – Área do terreno selecionado e seu entorno.....	32
Figura 20 - Área do terreno demarcada, e seu entorno.....	33

1. RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a arquitetura japonesa, enfatizando seu equilíbrio singular entre tradição e inovação. A partir dos conceitos filosóficos de *Wabi Sabi* (侘寂) e *Ma* (間), investiga-se de que forma tais princípios influenciam a organização dos espaços arquitetônicos, abrangendo desde residências tradicionais até templos budistas e santuários xintoístas. A justificativa para este estudo baseia-se na importância cultural e estética desses conceitos, bem como na sua capacidade de adaptação às demandas contemporâneas, preservando a essência estética e espiritual da cultura japonesa. A metodologia adotada consiste em revisão bibliográfica e análise de exemplos arquitetônicos que ilustram a aplicação prática dos princípios estudados. Os resultados evidenciam que *Wabi Sabi* e *Ma* promovem uma estética pautada na valorização da imperfeição, da simplicidade e do vazio, configurando espaços que favorecem a reflexão e a espiritualidade. Conclui-se que a incorporação desses princípios no contexto contemporâneo possibilita a harmonização entre tradição e modernidade na arquitetura japonesa, mantendo sua relevância cultural e estética.

Palavras-chave: Arquitetura japonesa; *Wabi Sabi*; *Ma*; Tradição e inovação; Espaço arquitetônico; Arquitetura contemporânea; Filosofia japonesa.

1.1. Abstract

This paper aims to analyze Japanese architecture, highlighting its unique balance between tradition and innovation. Based on the philosophical concepts of *Wabi Sabi* (侘寂) and *Ma* (間), the study investigates how these principles influence the organization of architectural spaces, ranging from traditional residences to Buddhist temples and Shinto shrines. The justification for this research lies in the cultural and aesthetic importance of these concepts, as well as their ability to adapt to contemporary demands while preserving the aesthetic and spiritual essence of Japanese culture. The methodology adopted includes a bibliographic review and the analysis of architectural examples that demonstrate the practical application of the studied principles. The results show that *Wabi Sabi* and *Ma* promote an aesthetic focused on the appreciation of imperfection, simplicity, and emptiness, shaping spaces that foster reflection and spirituality. It is concluded that incorporating these principles into the contemporary context enables the harmonization between tradition and modernity in Japanese architecture, maintaining its cultural and aesthetic relevance.

Keywords: Japanese Architecture; *Wabi Sabi*; *Ma*; Tradition and Innovation; Architectural Space; Contemporary Architecture; Japanese Philosophy

2. INTRODUÇÃO

A arquitetura japonesa se destaca por sua capacidade única de equilibrar tradição e inovação, preservando valores ancestrais enquanto se adapta às demandas do mundo contemporâneo. Em meio a uma sociedade em constante transformação, marcada pela globalização e pela modernização dos espaços, conceitos como **Wabi Sabi** (侘寂) e **Ma** (間) tornam-se fundamentais para compreender a essência dos ambientes japoneses.

No entanto, com o avanço das tecnologias e o crescimento das cidades, muitos espaços no mundo acabam priorizando a funcionalidade e a eficiência, deixando de lado elementos sensoriais, espirituais e estéticos que promovem bem-estar e conexão com o espaço. É nesse contexto que a filosofia presente na arquitetura japonesa ganha relevância, trazendo uma visão que valoriza a simplicidade, o vazio, a imperfeição e a harmonia entre o construído e a natureza.

Wabi Sabi é uma filosofia que nos convida a desacelerar, a encontrar beleza na imperfeição, na transitoriedade e a aceitar o ciclo natural da vida (KEMPTON, 2018). Esse conceito, aplicado à arquitetura, se reflete em espaços que acolhem o desgaste do tempo, as marcas da natureza e a simplicidade como expressão estética e espiritual.

Da mesma forma, *Ma* não representa apenas o espaço vazio, mas sim um intervalo cheio de significado. É a pausa que dá sentido aos elementos, ao tempo e às relações (OKANO, 2012). Na arquitetura japonesa, *Ma* se manifesta nos intervalos entre os objetos, nas transições, nos vazios que moldam o cheio e que proporcionam uma experiência espacial que vai além da materialidade.

Diante dos desafios do mundo moderno, a adoção de uma arquitetura que valoriza o tempo, o vazio e a imperfeição não é apenas uma questão estética, mas uma necessidade. Construir espaços que promovem contemplação, harmonia e equilíbrio significa preservar a identidade cultural, ao mesmo tempo em que se oferece uma resposta sensível e sustentável para as demandas da vida contemporânea.

2.1. Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo desenvolver um projeto de arquitetura embasado nos conceitos estéticos e filosóficos japoneses, especialmente **Ma (間)** e **Wabi Sabi (侘寂)**, bem como analisar de que forma esses conceitos estão aplicados na arquitetura tradicional e contemporânea do Japão. Busca-se compreender como esses princípios influenciam a composição dos espaços arquitetônicos, promovendo equilíbrio entre tradição e inovação, além de avaliar sua relevância na criação de ambientes que priorizam a simplicidade, o vazio, a impermanência e a harmonia com a natureza. O trabalho aplica, na prática, os princípios de Ma e Wabi Sabi na concepção espacial e estética da proposta arquitetônica.

2.2. Justificativa

A arquitetura japonesa é reconhecida mundialmente por seu refinamento, simplicidade e pela profunda conexão com a natureza. Compreender os conceitos de **Ma (間)** e **Wabi Sabi (侘寂)** permite não apenas uma apreciação estética, mas também uma reflexão sobre como o espaço pode ser organizado de forma a promover bem-estar, contemplação, equilíbrio e harmonia.

Este trabalho se justifica pela necessidade de compreender como os princípios filosóficos e estéticos japoneses podem ser aplicados não apenas na preservação da arquitetura tradicional, mas também como referência para soluções projetuais contemporâneas. Diante do cenário atual, onde há uma crescente demanda por espaços mais sustentáveis, funcionais, minimalistas e que proporcionem qualidade de vida, a investigação sobre **Ma** e **Wabi Sabi** torna-se extremamente relevante.

Além disso, o estudo contribui para ampliar o entendimento sobre como esses conceitos podem ser incorporados em projetos arquitetônicos, valorizando não só os aspectos materiais, mas também sensoriais e emocionais, proporcionando experiências espaciais que favorecem a introspecção, a simplicidade e a conexão com o ambiente.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1. O conceito de (*Ma*) 間 na arquitetura japonesa

A cultura japonesa desenvolveu uma forma única e profundamente sensível de se relacionar com o espaço, o tempo e a percepção. Neste contexto, o conceito de *Ma* (間), comumente traduzido como “espaço” ou “intervalo”, ocupa uma posição central na compreensão do ambiente arquitetônico nipônico. Entretanto, sua interpretação vai muito além de uma mera separação física entre objetos. O *Ma* representa um entre-lugar carregado de potência, um campo onde o visível e o invisível, o cheio e o vazio, o som e o silêncio coexistem em harmonia, formando uma experiência estética, sensorial e até filosófica (OKANO, 2012).

Ma não representa apenas o espaço vazio, mas sim um intervalo cheio de significado. É a pausa que dá sentido aos elementos, ao tempo e às relações (OKANO, 2012). Na arquitetura japonesa, *Ma* se manifesta nos intervalos entre os objetos, nas transições, nos vazios que moldam o cheio e que proporcionam uma experiência espacial que vai além da materialidade.

No Japão, o espaço não é apenas o lugar onde as coisas estão, mas o que permite que as coisas aconteçam (KEMPTON, 2018). Trata-se, portanto, de uma moldura para a vida, uma pausa significativa que realça tudo o que acontece antes e depois dela.

Na arquitetura tradicional do Japão, o *Ma* se manifesta na fluidez entre os ambientes, na modulação da luz e nas transições suaves entre o interior e o exterior. Elementos como os *shōji*, *fusuma* e *engawa* não apenas compartimentam os espaços, mas os tornam adaptáveis, capazes de se transformar conforme as necessidades do cotidiano. A presença desses dispositivos demonstra um pensamento que privilegia o intervalo como elemento ativo, permitindo que o espaço “respire” e acolha o tempo.

Esses entre-espaços não apenas organizam o espaço físico, mas também regulam o ritmo da vida e os comportamentos. O *engawa*, por exemplo, funciona como uma zona de transição e contemplação, um lugar onde o dentro encontra o fora, promovendo uma vivência sutil e meditativa. *Ma* não é ausência, mas sim uma presença silenciosa que conecta o ser humano ao tempo e ao lugar (OKANO, 2012).



Figura 1 – *Shōji*

Fonte - Yukari Ishii

Shōji são portas de correr tradicionais japonesas feitas com uma moldura de madeira e papel translúcido, permitindo a entrada suave de luz natural nos ambientes. Usadas entre cômodos internos e áreas externas, ou entre salas e corredores, elas funcionam tanto como divisórias

quanto como janelas, criando uma atmosfera leve e iluminada nas casas tradicionais. Seu aspecto delicado lembra uma "parede de papel", mas com a função prática de conectar o interior ao exterior de forma sutil (ISHII, 2023).



Figura 2 – *Fusuma*

Fonte - Yukari Ishii

Fusuma, são portas de correr revestidas com papel opaco ou tecido, usadas para dividir ambientes internos, funcionando como paredes móveis. Além de garantir privacidade, os *fusuma* também têm forte valor estético e cultural, sendo frequentemente decorados com pinturas artísticas *fusuma-e*. Essas obras, feitas em série ao longo de várias portas, integram arte e arquitetura, com estilos que variam de acordo com o uso do ambiente mais ornamentados em salas formais e mais discretos em espaços privados (ISHII, 2023).



Figura 3 –*Fusuma-e*, Templo Ninnna-ji, Kyoto

Fonte - Yukari Ishii

Fusuma (襖) são portas de correr tradicionais japonesas feitas com uma estrutura espessa e revestidas com papel *washi* opaco ou tecido. Elas funcionam como divisórias entre ambientes, garantindo privacidade e ao mesmo tempo servindo como suporte para pinturas (*fusuma-e*), que integram arte à arquitetura (ISHII, 2023).

Essas obras, classificadas como *shohekiga* (pinturas em divisórias), variam conforme o uso do espaço: salas formais exibem composições coloridas e luxuosas, enquanto cômodos privados apresentam pinturas sutis como o *suibokuga*, feitas com tinta preta e nuances de cinza, que criam profundidade e serenidade (ISHII, 2023).



Figura 4 – Engawa, Sukumo Hayashi House

Fonte – NASCA / Instituto de Arquitetura Hosoki

Engawa (縁側) é uma faixa estreita de piso, geralmente de madeira, que corre ao longo das casas tradicionais japonesas, entre o interior e o exterior. Mais do que apenas uma varanda ou corredor, ele serve como espaço de transição, um “elo” suave entre o ambiente interno e o jardim, protegendo e conectando ambos. Esse espaço convida à pausa e à contemplação. É onde se pode sentar para sentir o vento, ouvir o som da chuva ou simplesmente observar o tempo passar. O *engawa* expressa o modo japonês de viver em harmonia com a natureza, valorizando o silêncio, a luz e a presença do momento.

Enquanto a tradição ocidental muitas vezes associa o vazio à carência, à ausência ou à incompletude, no Japão o vazio é carregado de potencial criativo. Inspirado por raízes espirituais como o Zen-budismo, o conceito de *Ma* ensina que o silêncio, a pausa e o intervalo são tão ou mais significativos quanto os elementos materiais. A arquitetura japonesa utiliza o vazio como um recurso expressivo e funcional, permitindo que a luz, a sombra, o som e o tempo se tornem partes do projeto.

É no espaço entre o cheio e o vazio que a beleza se revela, como uma pausa significativa no fluxo da vida (KEMPTON, 2018). A luz que atravessa um painel de papel translúcido, a sombra que dança sobre o tatame, o som do vento e da água todos esses elementos compõem a experiência espacial japonesa. *Ma* não é simplesmente o vácuo entre as coisas, mas um espaço habitado pelo tempo, pela possibilidade e pela experiência sensível (OKANO, 2012).

A valorização do *Ma* também revela a profunda relação entre arquitetura, natureza e espiritualidade no Japão. Em vez de impor barreiras rígidas, a arquitetura tradicional convida a natureza para dentro, incorporando os ciclos naturais como parte da experiência espacial. A luz do sol que se move lentamente ao longo do dia, o som da chuva caindo no jardim, a brisa atravessando as divisórias, tudo isso é parte ativa da composição arquitetônica.

Nos templos zen-budistas e nos santuários xintoístas, o vazio é deliberadamente posicionado como lugar de revelação e transcendência. O espaço japonês é constituído por uma tensão sutil entre o cheio e o vazio, onde o vazio não é ausência, mas sim campo fértil para a presença sensível do mundo (OKANO, 2012). Assim, o *Ma* se torna também um espaço espiritual, uma ponte entre o humano e o sagrado.

A experiência do *Ma* vai além da dimensão visual ela é multissensorial e emocional. Cada gesto arquitetônico é pensado para estimular a percepção tátil, auditiva, olfativa e afetiva. O caminhar por uma casa tradicional japonesa, com seus pisos de madeira, sons sutis e visões filtradas pela luz, convida o morador à presença plena, à desaceleração e à escuta do ambiente.

Há uma qualidade de atenção nos espaços japoneses que nos chama a observar com profundidade e sensibilidade (KEMPTON, 2018). O *Ma*, nesse contexto, é uma ferramenta de reconexão com o tempo presente, promovendo sentimentos de calma, equilíbrio e pertencimento. A arquitetura se torna um cenário vivo onde o cotidiano se eleva à experiência poética.

Mesmo com o avanço da tecnologia e o uso de novos materiais como concreto, aço e vidro, o conceito de *Ma* permanece profundamente enraizado na prática contemporânea. Arquitetos como Tadao Ando, Kengo Kuma e Kazuyo Sejima reinterpretam o *Ma* de maneiras inovadoras, mantendo vivo o espírito da tradição enquanto dialogam com o mundo atual.

Na “Igreja da Luz”, de Ando, a cruz aberta na parede se transforma em um canal de luz que transcende o espaço físico, criando um ambiente de introspecção espiritual. Kuma, por sua vez, utiliza elementos naturais como madeira e bambu para criar fachadas porosas e envolventes, dissolvendo as fronteiras entre interior e exterior. A arquitetura japonesa contemporânea mantém vivo o espírito do *Ma* ao propor espaços que respiram, que se abrem para o silêncio, para a luz natural e para os vazios que geram presença (OKANO, 2012).

3.2. (*Wabi Sabi*) 侘寂 e a relação com arquitetura Japonesa

A estética japonesa desenvolveu, ao longo dos séculos, uma sensibilidade profunda em relação à impermanência, à simplicidade e à autenticidade. Nesse contexto, o conceito de *Wabi Sabi* (侘寂) ocupa lugar central como expressão filosófica e estética que valoriza o efêmero, o imperfeito e o incompleto (KEMPTON, 2018). Trata-se de uma forma de ver e sentir o mundo que acolhe o tempo, a deterioração e a assimetria como componentes essenciais da beleza.

Para Beth Kempton (2018), *Wabi Sabi* é “um convite para desacelerar, contemplar e aceitar o fluxo da vida com serenidade”. Ele nos convida a enxergar o valor oculto nas marcas deixadas pelo tempo, nos materiais brutos e nas formas silenciosas do cotidiano (KEMPTON, 2018).

Na arquitetura japonesa, essa filosofia se manifesta na escolha consciente de materiais naturais e na valorização do envelhecimento como parte da experiência espacial. Madeira não tratada, papel de arroz, argila e pedra exposta são preferidos por sua capacidade de transformar-se com o tempo, absorvendo luz, umidade e marcas de uso (KEMPTON, 2018). Segundo a autora, “*Wabi Sabi* é sobre encontrar beleza na imperfeição, poesia no modesto e graça no envelhecido” (KEMPTON, 2018).

A casa japonesa tradicional, com seus *tatamis* gastos, portas *shōji* que filtram a luz e a presença constante do silêncio, constitui um ambiente que favorece a introspecção e a contemplação (KEMPTON, 2018). Essa estética também se reflete nas composições espaciais, onde a assimetria e o vazio não são falhas a serem corrigidas, mas elementos carregados de sentido.

Wabi Sabi é mais do que uma estética é uma forma de percepção que valoriza a verdade das coisas como elas são, em sua forma mais natural e passageira. Essa filosofia se expressa em ambientes que não buscam a perfeição formal, mas sim a profundidade emocional e sensorial. A beleza não está no acabamento polido ou na simetria rigorosa, mas na matéria que carrega as marcas do tempo, no silêncio que preenche os espaços e na simplicidade que convida à introspecção.

Em vez de negar a passagem do tempo, a arquitetura que incorpora o *Wabi Sabi* a celebra, permitindo que os edifícios amadureçam junto com seus ocupantes. É uma estética que abraça a impermanência como parte essencial da experiência de habitar o mundo, oferecendo um refúgio onde o olhar desacelera e encontra sentido naquilo que é discreto, imperfeito e essencial.

O templo *Ryōan-ji*, em Kyoto, exemplifica esse pensamento: seu jardim seco apresenta uma composição onde nem todas as pedras podem ser vistas ao mesmo tempo, desafiando o olhar a aceitar o que está ausente (KEMPTON, 2018). O vazio torna-se, assim, parte ativa da paisagem, revelando uma beleza que se esconde nas lacunas e nos silêncios da forma.

Na arquitetura contemporânea, o espírito do *Wabi Sabi* é reinterpretado por arquitetos como Tadao Ando e Kengo Kuma, que, mesmo utilizando materiais como concreto e vidro, preservam a essência do silêncio, da modéstia e da conexão com o tempo. Na “Igreja da Luz”, Ando cria um espaço de introspecção a partir da interação entre luz natural e concreto bruto, onde a cruz vazada permite que a luz atravesse o vazio e transforme o ambiente conforme as horas do dia (KEMPTON, 2018). Esse gesto arquitetônico expressa, de maneira poética, a transitoriedade da luz e a profundidade do silêncio.



Figura 5 – Jardim seco, Templo *Ryōan-ji* - Kyoto

Fonte – DiscoverKyoto

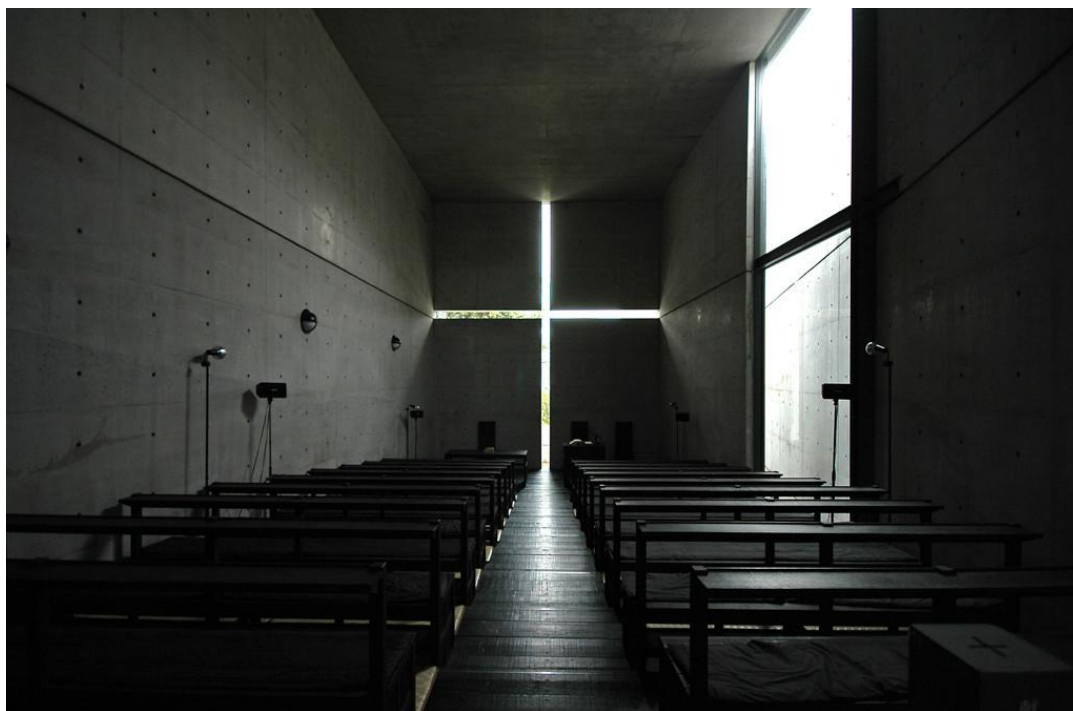


Figura 6 – Igreja da Luz, Tadao Ando

Fonte – Archdaily

Em Naoshima, no arquipélago de Kagawa, Ando cria experiências arquitetônicas que revelam o *Ma* como intervalo carregado de significado. Dois exemplos emblemáticos são o Chichu Art Museum e o Benesse House Oval, ambos projetados com a intenção de fundir arte, natureza e contemplação.

O Chichu Art Museum foi concebido majoritariamente em espaços subterrâneos, preservando a paisagem da ilha e convidando o visitante a adentrar um universo onde luz e vazio conduzem a percepção. Dentro do museu, destacam-se as Salas de contemplação do céu, criadas em colaboração com o artista James Turrell. Nessas salas, a arquitetura se dissolve para que o céu se torne a própria obra: aberturas geométricas permitem que o visitante observe as transformações atmosféricas ao longo do dia, transformando a passagem do tempo em experiência estética e espiritual.

A lógica do *Ma* é claramente percebida: não se trata de “preencher” o espaço, mas de criar intervalos que dão sentido ao que está ausente. O vazio da sala é preenchido pela luz mutável, pelas cores que se alteram com as nuvens, pelo silêncio que envolve o espectador. Trata-se de um espaço onde o céu é moldura e quadro ao mesmo tempo, convidando à

introspecção e ao exercício de presença. O que se contempla não é apenas a abóbada celeste, mas o próprio fluxo da vida.

Já o Benesse House Oval amplia esse mesmo diálogo entre arquitetura, natureza e espiritualidade. Situado em meio às colinas de Naoshima, o projeto apresenta uma composição em que volumes de concreto abraçam um espelho d'água circular. O reflexo da luz natural na superfície da água cria um “duplo” do espaço, fazendo com que o visitante perceba simultaneamente o visível e o invisível. Essa condição está intimamente ligada ao *Ma*, entendido aqui como intervalo perceptivo que conecta o físico e o intangível.

Assim como na Igreja da Luz, em Osaka, o gesto arquitetônico de Ando busca criar silêncio, pausa e contemplação. No entanto, enquanto a cruz da capela se manifesta como vazio na parede, em Naoshima o vazio é expandido em experiências de paisagem, de céu e de reflexo, reafirmando que o *Ma* não é ausência, mas presença sensível que ressoa no tempo e no espaço (OKANO, 2012).

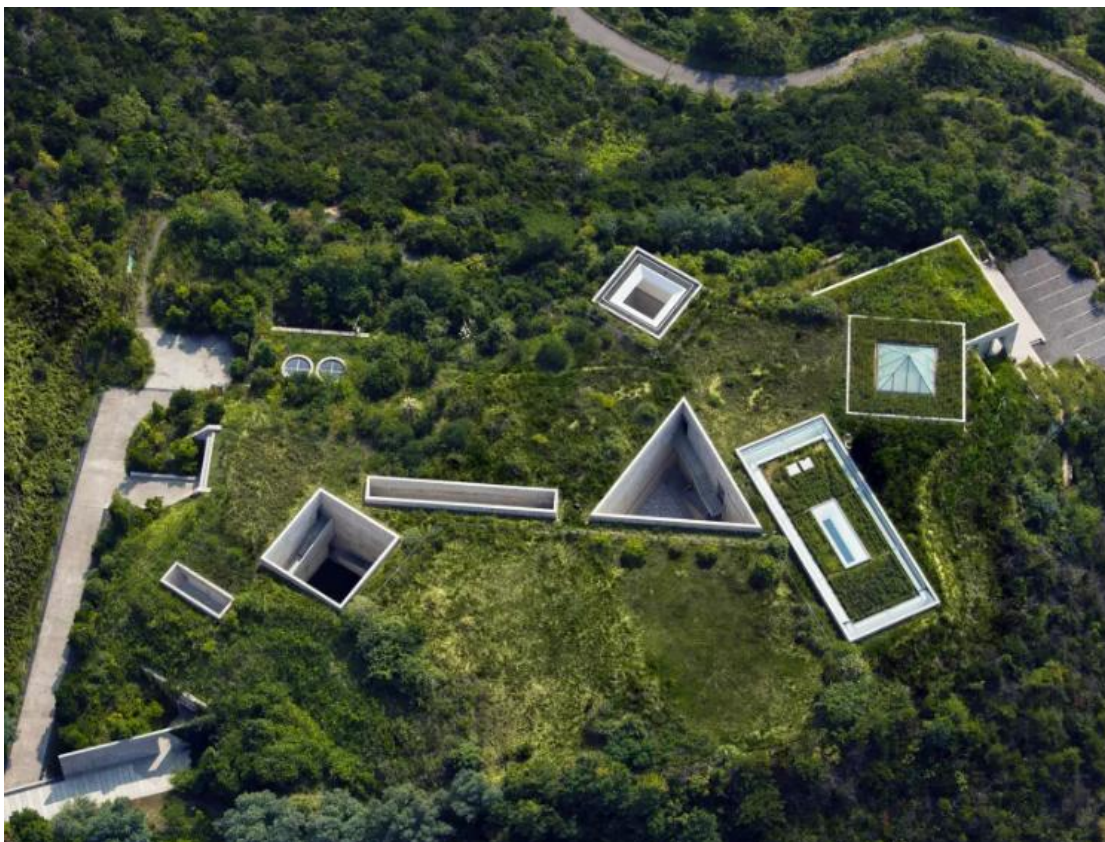


Figura 7 – Chichu Art Museum, Tadao Ando

Fonte – archeyes.com

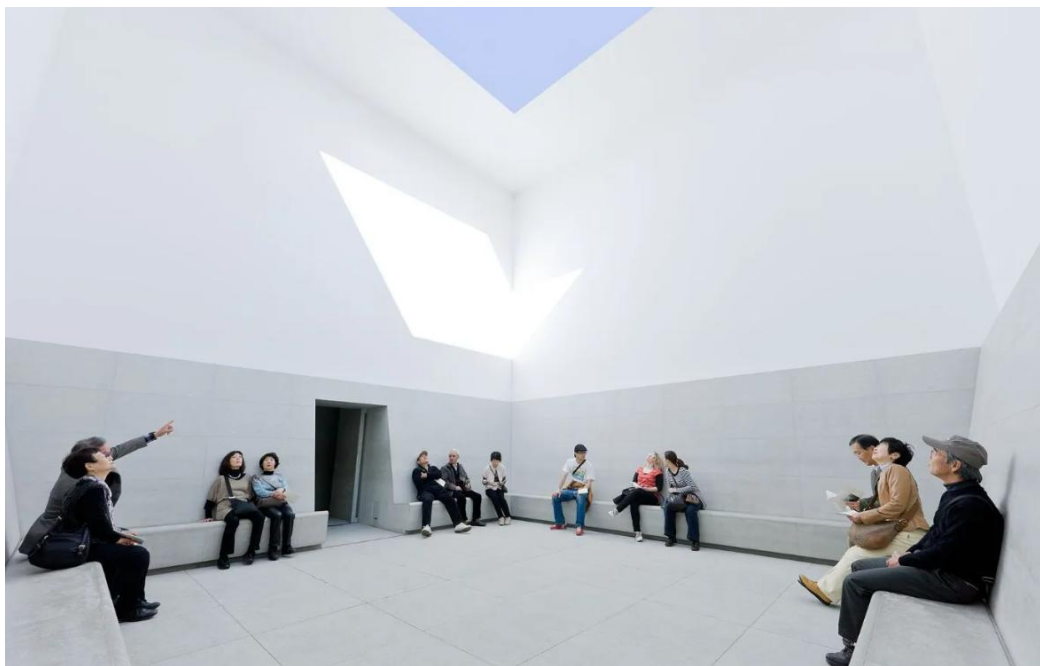


Figura 8 –Obra “Skyspace” Open Field, James Turrell

Fonte – thisispaper.com



Figura 9 – “Plano do Local” (Topografia) do Chichu Art Museum, Tadao Ando

Fonte – archeyes.com

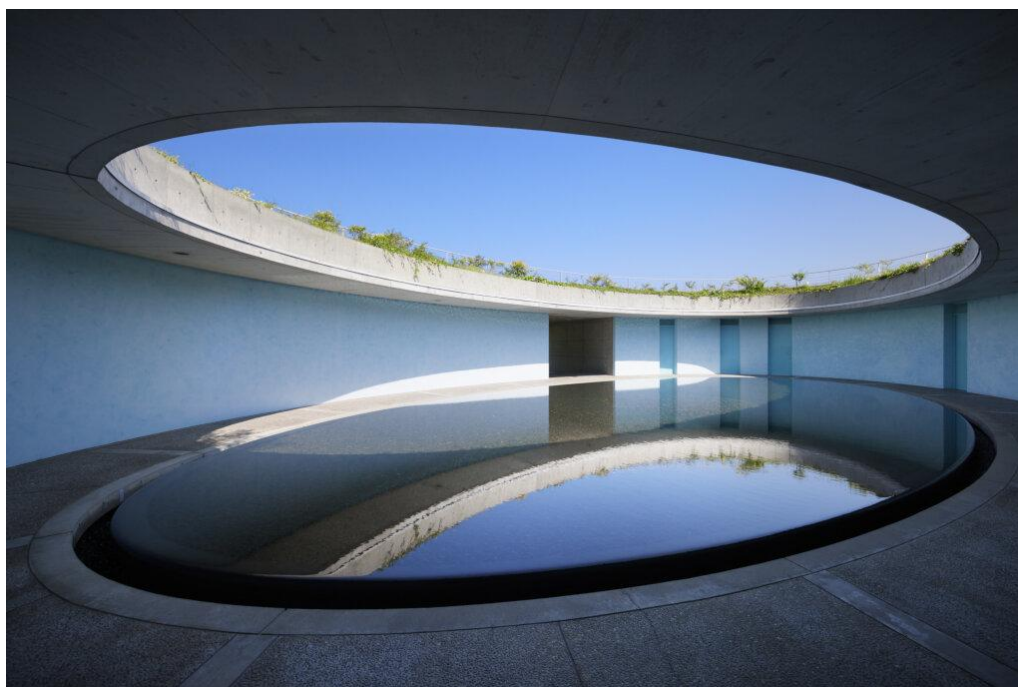


Figura 10 – Benesse House Oval, Tadao Ando

Fonte – benesse-artsite.jp

Kengo Kuma, por sua vez, destaca-se pela integração sensível entre arquitetura, matéria e paisagem. Em projetos como o Centro de Cultura e Turismo de Asakusa, ele utiliza camadas de madeira sobrepostas para evocar a linguagem dos templos tradicionais, conciliando modernidade e memória (KEMPTON, 2018). Segundo a autora, “há uma qualidade de atenção nos espaços japoneses que nos chama a observar com profundidade e sensibilidade”, uma descrição que se aplica diretamente à obra de Kuma, onde cada detalhe parece sussurrar ao visitante a presença do tempo.

Wabi Sabi está também intrinsecamente ligado à espiritualidade, especialmente no budismo zen e na prática arquitetônica dos templos e santuários xintoístas e ao *Ma*. A atmosfera de recolhimento, a natureza incorporada aos espaços e a modéstia material criam cenários propícios à contemplação do invisível (KEMPTON, 2018). Como afirma Kempton, a filosofia *Wabi Sabi* não oferece fórmulas estéticas, mas propõe uma maneira de estar no mundo uma atitude de aceitação, presença e sensibilidade.

Mesmo diante da crescente modernização e do uso de tecnologias construtivas avançadas, o *Wabi Sabi* permanece como um valor vivo na arquitetura japonesa. Ele resiste ao apelo da perfeição instantânea, e prefere os espaços que se revelam lentamente, com o tempo (KEMPTON, 2018). Essa ética do imperfeito nos lembra que a beleza verdadeira talvez não esteja na simetria ou na novidade, mas naquilo que permanece, mesmo mudando como uma madeira que escurece, uma parede que descasca ou uma luz que atravessa o papel com suavidade.

A arquitetura japonesa, nesse sentido, não apenas abriga o corpo, mas também convida o espírito à presença plena. *Wabi Sabi* nos ensina que cada marca, cada sombra e cada silêncio pode ser uma porta para uma experiência estética mais humana e mais verdadeira. Assim, o arquiteto japonês torna-se também um mediador entre o tempo, o espaço e o sentir não apenas um criador de formas, mas alguém que escuta o mundo antes de desenhá-lo (KEMPTON, 2018).

3.3. A presença do (MA) 間 e do (Wabi Sabi) 侘寂 nos templos Budistas e Xintoístas no Japão

A arquitetura sagrada japonesa é um reflexo direto de valores espirituais e estéticos profundamente enraizados na cultura local. Entre os mais significativos estão os conceitos de (Ma) 間 o "entre-espaço" e de (Wabi Sabi) 侘寂 a beleza do imperfeito, do impermanente e do incompleto. Essas duas ideias se entrelaçam de forma essencial na concepção de templos budistas, especialmente os de vertente zen, e nos santuários xintoístas, moldando não apenas o espaço físico, mas também a experiência espiritual dos visitantes.

O *Ma* e o *Wabi Sabi* não devem ser entendidos apenas como decisões de estilo, mas como formas "sensíveis" de estar no mundo. O *Ma* se revela como uma espécie de intervalo vivo, um respiro entre elementos, onde o silêncio, o tempo e a percepção ganham protagonismo. É nesse espaço sutil, nem cheio, nem vazio que a experiência estética floresce de maneira mais profunda e significativa (KEMPTON, 2018) e (OKANO, 2012).

Nos templos zen, essa alternância é perceptível na organização dos espaços, que criam uma cadência entre cheios e vazios, entre presença e silêncio. Por exemplo, ao caminhar pelos jardins secos (*karesansui*) do templo *Ryoan-ji*, em Kyoto, o visitante é confrontado com áreas vastas de cascalho meticulosamente rastelado, interrompidas por pedras estrategicamente dispostas.

A ausência de elementos é, paradoxalmente, o que ativa a percepção, o vazio se torna cheio de significado. Esse vazio, interpretado sob a ótica do *Ma*, não é uma carência, mas um espaço de potencialidade, de pausa contemplativa. A estética japonesa não busca o acabamento, mas a sinceridade do tempo que passa (KEMPTON, 2018).

Isso se manifesta nas madeiras envelhecidas dos pavilhões, nos musgos que cobrem as pedras dos jardins e nos telhados curvados que acumulam líquens com o passar dos anos. Em templos como o *Saihō-ji* (*Kokedera*), também em Kyoto, o jardim de musgos é um exemplo vívido de *Wabi Sabi*. A transformação constante da paisagem ao longo das estações convida à aceitação da impermanência, um dos pilares da doutrina budista.



Figura 11 – Jardim de musgos, Templo *Saihō-ji*, Kyoto

Fonte – Gardenvisit.com

O templo em si exige uma prática prévia de caligrafia antes da visita, reiterando a importância da preparação interior para acessar esse espaço contemplativo.

Nos santuários xintoístas, como o *Ise Jingū*, o *Ma* e o *Wabi Sabi* também se manifestam de maneira profunda, ainda que distinta.

O *Ise Jingū*, dedicado à deusa *Amaterasu*, é reconstruído a cada vinte anos em um ritual chamado *Shikinen Sengū*, uma prática que incorpora a impermanência (*Wabi Sabi*) como ato sagrado. O novo santuário é erguido ao lado do antigo, e a transferência ritual dos objetos sagrados entre os dois espaços evidencia um respeito pelo ciclo da vida, da morte e do renascimento.



Figura 12 – Templo *Ise Jingū*, Ise

Fonte – arteforadomuseu

A madeira clara, não envernizada, exposta ao tempo e às intempéries, simboliza a aceitação do desgaste natural. Aqui, o *Ma* se revela no espaço entre os pavilhões, nos caminhos de pedregulhos brancos, nos vazios silenciosos entre as árvores.

Destaca-se também que os caminhos nos santuários e templos não são apenas meios de acesso, mas parte essencial da vivência espiritual. Essa jornada pelo espaço constitui uma verdadeira coreografia arquitetônica do *Ma*, os trajetos curvos quase nunca lineares,

convidam à desaceleração, ao olhar atento e à escuta sensível do entorno (NAHA, IGARASHI, 2024).

O *Fushimi Inari Taisha*, famoso por seus milhares de *toriis* vermelhos, exemplifica essa ideia. O trajeto é longo, e os espaços entre os portais variam, criando uma experiência rítmica de passagem. O jogo de luz e sombra entre os portais contribui para o surgimento do *Ma* como entre-espaço perceptivo. O visitante é convidado a existir no presente, no intervalo entre um portal e outro.



Figura 13 – Templo *Fushimi Inari Taisha*, Kyoto

Fonte – japanguide



Figura 14 – Trajeto dos *toriis* vermelhos, Templo *Fushimi Inari Taisha*, Kyoto

Fonte – japanguide

Ainda dentro do Budismo Zen, o templo *Kennin-ji*, fundado em 1202, é outro exemplo emblemático. Seu pátio seco e as salas de tatame, com divisórias deslizantes (*fusuma*), oferecem ao espaço uma flexibilidade onde o *Ma* se revela.

O silêncio valorizado tanto no zen quanto no conceito de *Ma* torna-se presença. A ausência de ornamentos exuberantes foca a atenção no essencial: luz, sombra, tempo, respiração. É um convite à introspecção.

A inter-relação entre *Wabi Sabi* e *Ma* também se manifesta nos materiais usados. Okano (2012) enfatiza que "a textura do espaço japonês é moldada pela matéria imperfeita" a madeira com nós, o papel que ondula com a umidade, a cerâmica irregular do ritual do chá.



Figura 15 – Templo *Kennin-ji*, Kyoto

Fonte – japanguide

Esses materiais não apenas compõem a paisagem dos templos, mas reforçam o ritmo do tempo, a sensação de epiderme espacial. No *Shōren-in*, templo budista localizado em Higashiyama, os corredores de madeira escurecida criam uma relação tátil com o tempo: cada passo ecoa, cada marca no chão conta uma história. A materialidade e o vazio ali se equilibram.



Figura 16 – Templo *Shōren-in*, Kyoto

Fonte – japanguide

O *Wabi Sabi* nos ensina a valorizar o que está desaparecendo. O templo *Ginkaku-ji*, conhecido como Pavilhão Prateado, não chegou a ser revestido de prata como o originalmente planejado e é exatamente essa "incompletude" que o tornou símbolo de *Wabi Sabi* (KEMPTON, 2018).

Os jardins de areia branca e os pequenos pavilhões de madeira envolvem o visitante em um sentimento de quietude e humildade, sem necessidade de grandeza.



Figura 17 – Templo *Ginkaku-ji*, Kyoto

Fonte – japanguide

Ou seja, a presença do *Ma* e do *Wabi Sabi* nos templos budistas e santuários xintoístas japoneses não é apenas estética ou funcional, mas essencialmente espiritual. Os vazios entre colunas, as sombras que se alongam nos tatames, a madeira que range sob os pés, os musgos que cobrem lentamente os degraus, tudo convida ao silêncio, à presença plena, ao respeito pela impermanência. Como diz Okano (2012), "o espaço japonês é aquele que respira".

E é nesse “respiro” que habita a alma do sagrado no Japão.

3.4. Estudo de Caso: Presença japonesa em (SP) e a proposta em Botucatu

A imigração japonesa para o Brasil, iniciada oficialmente em 1908 com a chegada do navio Kasato Maru, esteve diretamente ligada à expansão da cafeicultura paulista. Naquele período, a economia do café era a principal força produtiva do estado de São Paulo, demandando grande quantidade de mão de obra para as lavouras. Dessa forma, os primeiros imigrantes japoneses se fixaram nas regiões onde a terra e o clima eram mais propícios ao cultivo do café, formando núcleos rurais que posteriormente dariam origem a comunidades estáveis e culturalmente ativas.

O mapa da distribuição dos imigrantes japoneses em São Paulo revela essa concentração ao longo das zonas cafeeiras, evidenciando a presença nipônica especialmente nas regiões de Ribeirão Preto, Bauru e Marília. Essa ocupação seguiu a lógica da interiorização do café, que avançava para novas fronteiras agrícolas à medida que as terras do Vale do Paraíba se esgotavam.

Nesse processo, a cidade de Botucatu assumiu papel estratégico. Localizada em um ponto de transição geográfica entre o planalto de Piratininga e o oeste paulista, Botucatu se consolidou como entroncamento natural para o avanço da fronteira agrícola em direção a Ribeirão Preto, Bauru e Marília. Além disso, a presença das ferrovias como a Estrada de Ferro Sorocabana, foi determinante para a fixação de colônias, pois possibilitava o escoamento da produção cafeeira e facilitava a circulação de trabalhadores e mercadorias.

Esses fatores históricos explicam a inserção da comunidade japonesa no município e a relevância da região no contexto migratório. Mais do que um ponto de passagem, Botucatu se tornou espaço de permanência e integração cultural, reunindo elementos que fortalecem o vínculo entre o Japão e o Brasil no interior paulista.

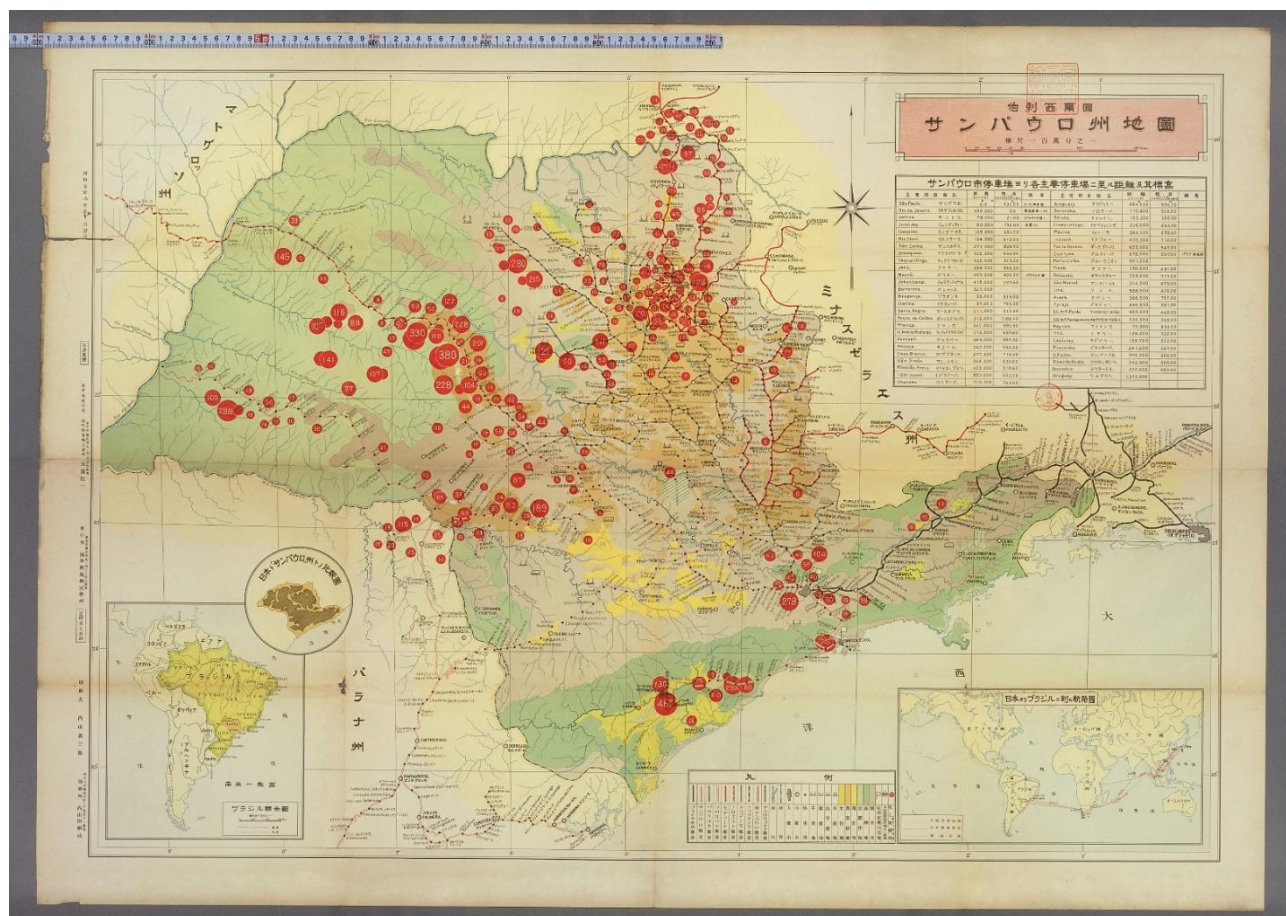


Figura 18 – Mapa da Distribuição dos imigrantes japoneses no estado de São Paulo

Fonte – ndl.go.jp - Biblioteca Nacional Digital do Japão

No município de Botucatu, essa presença japonesa se manifesta em espaços públicos e iniciativas culturais, como a Praça Brasil Japão, que simboliza a integração da comunidade nipo-brasileira com a cidade. Nesse contexto, a escolha do terreno para a intervenção arquitetônica ganha relevância: trata-se de um local que dialoga com essa herança cultural, reforçando o elo entre tradição japonesa e identidade local.

O terreno, situado em área de destaque urbano, possui potencial não apenas para abrigar o espaço proposto, mas também para se consolidar como ponto de encontro cultural, turístico e espiritual. Sua localização estratégica, posicionada entre a Praça Brasil-Japão e a Associação Botucatuense de Cultura Japonesa (ABCJ), fortalece ainda mais o vínculo simbólico do projeto com a comunidade nipo-brasileira, criando um eixo cultural que valoriza e preserva a memória da imigração japonesa no município.

Além do aspecto arquitetônico e contemplativo, a proposta também contempla a implementação de cursos de escrita, língua japonesa e literatura, ampliando o acesso da população à cultura nipônica. Estão previstas ainda a organização de eventos culturais, como leituras de literatura japonesa e exposições de arte, consolidando o espaço como um polo de difusão cultural. Complementarmente, atividades práticas ligadas às artes tradicionais, como a caligrafia japonesa (*Shodō*) e a pintura com tinta nanquim (*Sumi-e*), reforçam a dimensão estética e espiritual do projeto, aproximando visitantes e participantes da essência do *Wabi Sabi* e do *Ma*.

Essa inserção em Botucatu justifica-se pela intenção de criar um ambiente que valorize a diversidade religiosa, a contemplação e a educação cultural, inspirado nos conceitos japoneses de *Ma* e *Wabi Sabi*, ao mesmo tempo em que homenageia a contribuição da imigração japonesa ao interior paulista.



Figura 19 – Área do terreno selecionado e seu entorno, em Botucatu

Fonte – Google Maps



Figura 20 – Área do terreno demarcada, e seu entorno.

Fonte – Google Earth

4.MATERIAIS E MÉTODOS

A construção deste trabalho partiu de uma escuta atenta à arquitetura japonesa, não apenas como forma construída, mas como experiência sensível. Para isso, optou-se por uma abordagem exploratória, guiada por uma revisão bibliográfica focada nos conceitos estéticos e filosóficos de *Ma* (間) e *Wabi Sabi* (侘寂), essenciais para compreender a profundidade e a singularidade do espaço japonês.

Foram selecionadas obras de autoras e autores que tratam esses temas com olhar cuidadoso e reflexivo, como Michiko Okano, Beth Kempton, Karina Naha e Kiara Igarashi. A pesquisa também percorreu registros visuais, descrições arquitetônicas e relatos de vivência em templos e santuários tradicionais, como *Ryoan-ji*, *Saihō-ji*, *Ise Jingū*, *Fushimi Inari Taisha*, *Ginkaku-ji* e *Kennin-ji*, lugares onde os conceitos estudados se manifestam de forma viva e silenciosa.

Mais do que investigar estruturas ou estilos, buscou-se perceber a linguagem dos espaços: os vazios que acolhem, a luz que se move, os sons que se ausentam. Essa escuta do invisível, do que não se impõe, mas se insinua, permitiu compreender como o *Ma* cria pausas significativas entre os elementos e como o *Wabi Sabi* revela a beleza do que envelhece, imperfeita e discretamente. Assim, a metodologia adotada não foi apenas uma ferramenta de análise, mas também uma forma de aproximação sensível com aquilo que, na arquitetura japonesa, toca o espírito.

5. RESULTADOS E CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber que *Ma* e *Wabi Sabi* não são apenas ideias ou conceitos distantes, são na verdade, modos de sentir e de estar no mundo. Em vez de apenas organizar espaços, eles moldam o tempo, a atmosfera e o silêncio. Revelam uma arquitetura que “fala baixo”, mas que “toca fundo”.

Nos templos e santuários japoneses, cada vazio carrega sentido. O que está entre uma pedra e outra, entre a luz e a sombra, entre o som do vento e o silêncio absoluto, tudo isso é parte ativa do espaço. O *Ma* se apresenta como pausa, como respiro, como convite à contemplação. Já o *Wabi Sabi* se revela na madeira que escurece com o tempo, no musgo que cresce devagar sobre a pedra, na beleza que não precisa ser perfeita para ser profunda.

Essas experiências não se limitam à tradição. Na arquitetura contemporânea, arquitetos como Tadao Ando e Kengo Kuma traduzem esses mesmos sentimentos em novas linguagens. Mesmo com o uso de concreto e vidro, há ali a mesma busca pela luz que atravessa o vazio, pelo silêncio que comunica, pela matéria que se transforma com o tempo. São espaços que não gritam, eles escutam.

Com isso, ficou evidente que *Ma* e *Wabi Sabi* não são apenas heranças estéticas, mas expressões de uma filosofia de vida que valoriza o essencial, o impermanente e o invisível. Eles nos lembram que o espaço não precisa estar cheio para ser completo, e que há beleza no que passa, no que falha, no que simplesmente é.

Essa arquitetura nos convida a desacelerar, a perceber com mais atenção e a nos reconectar com o tempo presente, algo cada vez mais urgente no mundo contemporâneo.

5.1 Considerações finais

Mais do que um estudo sobre arquitetura, este trabalho é também uma reflexão sobre o modo como habitamos o mundo. *Ma* e *Wabi Sabi* nos ensinam que há beleza na pausa, valor no simples, profundidade no que envelhece. Eles nos lembram que viver com presença é mais importante do que viver com perfeição.

A arquitetura japonesa mostra que um espaço pode ser mais do que abrigo, ele pode ser um espelho da alma, um lugar de reencontro com o tempo, com a natureza e com nós mesmos. Em um mundo acelerado e ruidoso, talvez seja justamente essa estética do silêncio, da modéstia e da impermanência que mais precisamos resgatar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OKANO, Michiko. [MA] Entre-espço da arte e comunicação no Japão. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

KEMPTON, Beth. Wabi Sabi: Japanese Wisdom for a Perfectly Imperfect Life. Londres: Piatkus, 2018.

NAHA, Karina; IGARASHI, Kiara. Buddhism and Shintoism in Japan. Tóquio: Gendai Publishing, 2024.

ISHII, Yukari. Fusuma-e (Fusuma Paintings) – How to See at Kyoto Temple, 21 de Dezembro de 2023, <https://art-cosmo.com/blog/fusuma-painting-art/>. Acesso em 05 de junho de 2025.

ISHII, Yukari. Why Do Japanese Houses Have Paper Wall, 9 de Novembro de 2023, <https://artcosmo.com/blog/japanese-paper-walls/>. Acesso em 05 de junho de 2025.

MUSEU Histórico da Imigração Japonesa no Brasil. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 10 de Janeiro de 2008, <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=288309>. Acesso em 06 de setembro de 2025.